

B.A.
M 100-20.3.54
"A Tarde"
"Passeio"

A TARDE

PASSEIO

Rubem BRAGA

1232
Forte de S. João, Laje, Santa Cruz — e depois êsses caminhos que se perdem no mato, essas prainhas que se abrem debaixo de umas árvores, entre dois rochedos.

Não sei se estamos na Charitas ou em Jurujuba; de meu barco vejo, com preguiça, pequenas casas côr-de-rosa, com janelas azuis. Eu escrevi — "meu barco" — e o barco não é meu. Mas neste momento está sendo. Entre as árvores, escondida, no morro do Cavalão, está a casa do Caloca.

O barco não é meu, a casa não é mais de Carlos Leão, mas a propriedade não é um fruto, é uma pilhéria. Se nesta manhã de sol desapareço do escritório e fujo para as águas azuis, e levo amigos, e nos rimos, e bobemos pelas praias e ilhas, e comemos camarão frito na casca, e bebemos cervejinha gelada, e nos sentimos ainda mais amigos porque o mar é azul e o sol é louro — então alguma coisa, neste barco, já é eternamente minha.

Quem comprou a casa e as árvores de Carlos Leão no morro do Cavalão? Nem sequer sei o nome dêsse homem feliz, mas devo confessar a êle que a sombra da mangueira é um

pouco minha; êle não comprou a sombra. A sombra quem a faz é o sol, quem a azula é a lua, quem a deixa perene no ar, remotá mas fresca, e a saudade do que passou. E o tempo não vence a realidade mais profunda das coisas: dos pés que pisaram aquele chão, de nós que ali respiramos, e sentimos e vivemos e sonhamos, alguma coisa ficou e vive. Não somos fantasmas: para nos essa gente que está morando hoje na casa é que são fantasmas — séres vagos, sem substância nem face. Eu me lembro de um momento, uma tarde, sob as árvores, sobre o manso mar; o Rio de Janeiro parecia tremular na distância, havia um pássaro piando.

Lembro outros momentos. Mas o barco deixa longe, a boreste numa névoa de luz, Icaraí. Lá ficou um ginastino passeando pela praia, morando numa casa do Campo de S. Bento. Ele vai neste barco, já bordeja o velho forte. Vai para uma praia qualquer entre palmeiras, vai distraído, deixando a melancolia na esteira das espumas, vai na prôa, calado, sem pensar, quase sem sentir, apenas sentindo que está indo, que vai, sem nem querer saber para onde.

Maio 1952

Globo - 27.12.60